



OBRA DE DIQUE EM SANTARÉM está sendo feita para conter os rejeitos de mineração e evitar que eles voltem a atingir a calha do Rio Doce, como ocorreu após rompimento de barragem

DESASTRE AMBIENTAL

Obra para conter lama só termina em janeiro

Diques que Samarco está construindo para impedir nova onda de lama no Rio Doce devem ficar prontos em meio ao período de chuvas

Daniel Figueredo
DE MARIANA, MG

Cerca de um ano após o rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana (MG), a mineradora Samarco está realizando obras para conter os rejeitos de mineração e evitar que eles voltem a atingir a calha do Rio Doce.

As principais obras, no entanto, devem ficar prontas em meio ao período de chuvas, conforme alerta dado pelo Ibama, que aponta a possibilidade de novas ondas de rejeitos atingir a calha do Rio Doce. Mas a mineradora afirmou que as obras devem conseguir realizar

a contenção dos rejeitos que se deslocam no vale de Fundão.

Dentre as obras consideradas mais importantes pela mineradora está a construção da barragem Nova Santarém, próximo à antiga barragem de água que foi atingida pelos rejeitos de mineração, com capacidade de reter até 7 milhões de metros cúbicos de lama. A previsão é que essa barragem fique pronta até janeiro de 2017.

A Samarco também está finalizando uma série de quatro barreiras que tem capacidade de frear rejeitos antes que cheguem a Nova Santarém. Duas dessas barreiras estão finalizadas e outras duas devem ficar prontas em novembro.

A mineradora convidou o jornal **A Tribuna** para conhecer a planta industrial de Germano, em Mariana e, após um ano, ainda é possível ver em detalhes a destruição causada pelo rompimento da barragem que despejou 32 milhões de metros cúbicos de rejeitos e matou 19 pessoas em novembro de 2015.

Fora da área da Samarco, a empresa construiu três diques e inicia a obra de um quarto, para reter rejeitos antes que cheguem ao rio Gualaxo do Norte, um dos que fazem parte da bacia do Rio Doce.

Esse quarto dique deve funcionar por cinco anos e vai alargar a área do distrito de Bento Rodrigues que foi destruída pela lama de rejeitos de mineração.

“A altura do dique foi pensada para que o lago não atingisse a Capela de São Bento e o cemitério”, afirmou o engenheiro coordenador de obras da Samarco, Eduardo Moreira.

No distrito de Bento Rodrigues, que deve ser reconstruído pela Fundação Renova até março de 2019, assim como parte de Paracatu de Baixo e Gesteira, uma equipe de arqueólogos fez a recuperação de 2 mil itens, além de retirar debaixo da lama o que restou da capela de São Bento, construída em 1718. Também fazem mapeamento de itens pessoais dos moradores.



SALA DE MONITORAMENTO da mineradora: estruturas são mapeadas

Radar monitora barragens

As barragens da mineradora Samarco estão utilizando um sistema de radar para monitorar a estabilidade das estruturas. Esses equipamentos, segundo o coordenador de emergência da empresa, Flávio Thimotio, conseguem registrar variações milimétricas das barragens instaladas em Mariana (MG).

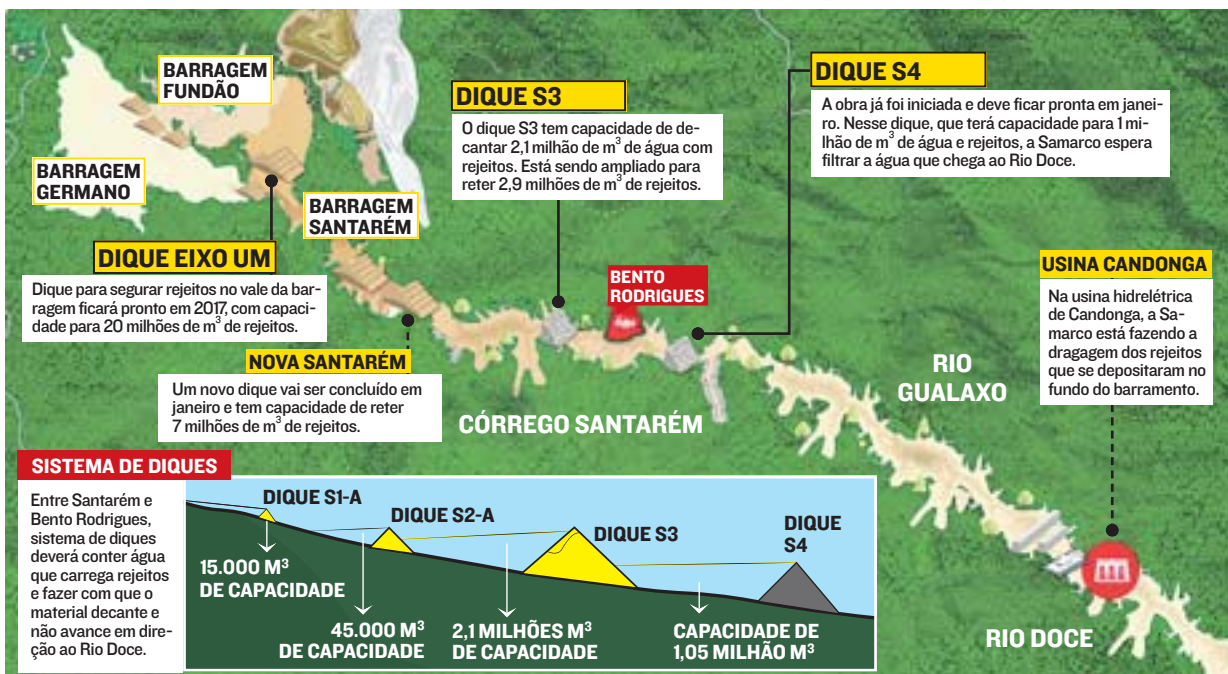
Ele também explicou que já foram instaladas 20 sirenes ao longo da região dos barramentos e outras devem ser colocadas em comunidades para avisar no caso de outro desastre com uma barragem.

Segundo o coordenador de emergência da empresa, o plano de

emergência anterior previa que, em caso de rompimento, as pessoas teriam 60 horas para serem avisadas, o que seria feito por telefone. No rompimento da barragem, o colapso ocorreu em 15 minutos.

“O rompimento foi abrupto, o que não estava previsto no plano. Agora temos as sirenes e monitoramento com sismógrafo, acelerômetro, que nos dão detalhes precisos sobre as barragens. Também temos um mapeamento completo dos sistemas de sirenes, que estão em instalação, para alertar aos trabalhadores e população do entorno em caso de novo rompimento.”

Saiba mais Previsão é filtrar em Mariana a água que chega ao Rio Doce



Empresas divergem sobre retomada de operações

MARIANA, MG

As sócias da mineradora Samarco, Vale e BHP Billiton, divergem sobre o processo de retomada das operações da pelotizadora. A mineradora brasileira considera inviável o uso da antiga estrutura de depósito de rejeitos e a reconstrução da Barragem de Fundão.

“Enxergamos que a Samarco não é viável na antiga estrutura de depósito de rejeitos”, disse o presidente da Vale, Murilo Ferreira, em teleconferência com analistas.

De acordo com o executivo, a Vale está disposta a ceder sua infraestrutura para a Samarco. A produtora de pelotas está parada desde o

desastre e aguarda a concessão de uma licença ambiental que permitiria o uso de uma cava exaurida para depositar os rejeitos de sua operação. É uma alternativa para voltar a operar sem a barragem.

Outro ponto em que os acionistas discordam é sobre o equacionamento da dívida da companhia. Sem produzir, a Samarco tem deixado de honrar compromissos financeiros.

Na semana que vem – justamente no aniversário de um ano da tragédia, ocorrida em 5 de novembro – o presidente da Vale e o CEO da anglo-australiana, Andrew Mackenzie, têm encontro marcado para discutir o futuro da companhia.

Cidades

DESASTRE AMBIENTAL

Brigas no Estado por indenizações

Kelly Kalle

Moradores de comunidades de Linhares, São Mateus e Aracruz brigam por indenizações da Samarco, com a ajuda da Defensoria Pública. Eles são de localidades como Pontal do Ipiranga (Linhares), Urussuquara, Barra Seca e Barra Nova (São Mateus) e Barra do Sahy (Aracruz), e querem provar que também foram atingidos pela lama do desastre ambiental, ocorrido em 2015.

O defensor público Rafael Campos, do Núcleo de Defesa Agrária e Moradia, que atua com essas comunidades, explicou que os moradores afirmam que a lama prejudicou a pesca e outras atividades nas regiões. Entretanto, a Samarco não as reconhece como impactadas, alegando que não estão abrangidas no âmbito de proibição da pesca decidido na Justiça Federal.

O último levantamento das comunidades repassado pela Defensoria Pública aponta mais de 3 mil pessoas vivendo nessas regiões.

“A Defensoria Pública do Estado, juntamente com a da União, está coletando informações da comunidade e dos órgãos ambientais para averiguar a procedência de in-

formações, como relatos de praias sujas de lama, mortandade anormal de peixes, centenas de famílias em situação de vulnerabilidade.”

O defensor explicou que o órgão vai estudar as medidas para promover o reconhecimento. “Não descartamos a judicialização.”

A pescadora profissional artesanal Eliana Balke, 47, contou que foi criado o Fórum Norte em Defesa do Rio Doce, para debater o assunto e ajudar as famílias que não estão incluídas no acordo.

“Os peixes, ostras, siri, caranguejos foram atingidos pela lama. O mar e os manguezais estão cheios de lama, não há mais peixes para pescar. Há quem vá para o fundo do mar pescar camarão, mas são poucos. As famílias estão desassistidas. Há pessoas, como eu, que foram despejadas e estão morando em barraca de camping.”

Ela contou que um pescador estava com medo de ser preso, pois deve pensão aos filhos e não consegue pagar, por falta de trabalho.

Eliana afirmou que será feita uma marcha de Regência, em Linhares, até Mariana, em Minas Gerais. “Cerca de 80 pescadores irão, parando nas comunidades atingidas. Vamos sair na segunda.”



PESCADORA em Regência, Linhares: moradores da região afirmam que também foram afetados por lama de rejeitos

SAIBA MAIS

Defensoria analisa informações

Sem reconhecimento

> **REGIÕES** como Pontal do Ipiranga e Barra Seca, em Linhares; Urussuquara, Campo Grande, Barra Nova, São Miguel, Nativo, Gameleira e Ferrugem, São Mateus; além de Barra do Sahy, Aracruz, são as regiões em que moradores buscam reconhecimento, com ajuda da Defensoria Pública, de

que foram atingidos pela lama do desastre ambiental, que começou em Mariana (MG) há quase 1 ano.

> **A DEFENSORIA** analisa informações repassadas pelos moradores, como relatos de praias sujas de lama, mortandade anormal de peixes, centenas de famílias em situação de vulnerabilidade para comprovar isso e pleitear,

junto à Samarco, indenizações para as famílias afetadas.

Famílias

> **SEGUNDO** pescadores, muitas famílias estão passando necessidade, pois não há mais peixes e outros frutos do mar para que possam trabalhar. Muitos foram despejados.

ACERVO PESSOAL